



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

IZILVANIA MARIA BARBOSA SANTOS

***THE BLUEST EYE: A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA
NEGRA NA ESCRITA DE TONI MORRISON***

GUARABIRA

2022

IZILVANIA MARIA BARBOSA SANTOS

***THE BLUEST EYE: A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA
NEGRA NA ESCRITA DE TONI MORRISON***

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura
Plena em Letras Inglês da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito à
obtenção do título de grau superior em
Licenciatura Plena em Letras Inglês.

Área de concentração: Literatura e
Sociedade

Orientador: Prof. Dr. José Vilian Mangueira

GUARABIRA

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S245T Santos, Izilvania Maria Barbosa.

The bluest eye [manuscrito] : a representação da identidade feminina negra na escrita de Toni Morrison / Izilvania Maria Barbosa Santos. - 2022.

48 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. José Vilian Manguieira ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Representação feminina. 2. Identidade afro-americana.
3. Toni Morrison. 4. The Bluest Eye. I. Título

21. ed. CDD 823

IZILVANIA MARIA BARBOSA SANTOS

***THE BLUEST EYE: A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA
NEGRA NA ESCRITA DE TONI MORRISON***

Trabalho de Conclusão de Curso
(monografia) apresentado ao Curso de
Licenciatura Plena em Letras Inglês da
Universidade Estadual da Paraíba como
requisito à obtenção do título de grau
superior em Licenciatura Plena em Letras
Inglês.

Aprovado em: 29 / março / 2022.

BANCA EXAMINADORA

José Vilian Manguieira

Prof. Dr. José Vilian Manguieira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Paulo Aldemir Delfino Lopes

Prof. Me. Paulo Aldemir Delfino Lopes
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Clara B. de Almeida Vasconcelos

Dr^a Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho à minha família, pelo incentivo, apoio e confiança em mim depositados durante toda a minha graduação.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me permitido chegar até aqui.

À minha família, especialmente aos meus pais, que mesmo não compreendendo bem os meus motivos e objetivos, sempre me apoiaram, incentivaram e sentiram orgulho de mim.

Aos meus colegas de curso pela amizade e companheirismo que ajudaram a construir quem sou hoje.

Aos meus professores, especialmente aos de literatura, que através dos livros despertaram em mim uma nova consciência.

À minha irmã Kezia, que me apoia e me admira mais que qualquer outra pessoa.

Ao meu Professor Orientador, pela paciência.

E assim foi.

Uma menina negra anseia pelos olhos azuis de uma menina branca, e o horror no cerne do seu desejo só é superado pelo mal da realização. (Toni Morrison)

RESUMO

Durante muito tempo, a literatura feminina afro-americana foi apagada do cenário literário norte-americano; no entanto, no século XX, autoras como Toni Morrison ganharam notoriedade por expor em suas obras os problemas que cercavam a vida das pessoas negras, e principalmente das mulheres negras na sociedade da época. O objetivo deste trabalho é analisar a representação da identidade feminina negra na escrita de Toni Morrison, com o intuito de evidenciar os problemas que afetavam diretamente o processo de construção da identidade feminina negra na primeira metade do século XX. Para isso, usaremos a obra *The bluest eye*, publicado em 1970, primeiro romance da autora. Partindo de conceitos como aculturação, preconceito, padrões sociais e silenciamento, analisaremos como a literatura de Toni Morrison representa, através das personagens Pecola e Claudia, a construção da identidade feminina negra, e a forma como essa construção é afetada diretamente pela cultura branca norte-americana, para tal, tomaremos por base os estudos de Heloisa Toller Gomes (2011), Roland Walter (2009), Stuart Hall (2003), dentre outros. Através de uma pesquisa exploratória e descritiva, o romance nos permite fazer associações entre sociedade e cultura, gênero e raça em uma configuração histórica que antecede a luta pelos direitos civis das pessoas negras, proporcionando uma reflexão acerca da construção identitária da mulher negra na sociedade norte-americana.

Palavras-chave: Representação feminina. Identidade afro-americana. Toni Morrison. *The bluest eye*.

ABSTRACT

For a long time, African-American women's literature was erased from the North-American literary scenario. However, in the 20th century, authors such as Toni Morrison gained notoriety for exposing in her works the problems that surrounded the lives of black people, especially black women in that society. The objective of this work is to analyze the representation of black female identity in Toni Morrison's writing, in order to highlight the problems that directly affected the construction of the process of black female identity in the first half of the twentieth century. In order to do that, we will use the work *The bluest eye*, published in 1970, the author's first novel. Starting from concepts such as acculturation, prejudice, social patterns, and silencing, we will analyze how Toni Morrison's literature represents, through the characters Pecola and Claudia, the construction of black female identity, and how this construction is directly affected by the white north-American culture, for such, we will take as a basis the studies of Heloisa Toller Gomes (2011), Roland Walter (2009), Stuart Hall (2003), among others. Through an exploratory and descriptive research, the novel allows us to make associations between society and culture, gender and race in a historical configuration that precedes the struggle for civil rights of black people, providing a reflection about the identity construction of black women in American society.

Keywords: Female Representation. African-American identity. Toni Morrison. *The bluest eye*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 TONI MORRISON E SUA OBRA	9
3 A ESCRITA FEMININA: O PAPEL SOCIAL E A ENTRADA DA MULHER NA LITERATURA NORTE-AMERICANA.....	13
3.1 O movimento sufragista e a posição social das pessoas negras estadunidenses.....	14
3.2 A entrada da escrita da mulher negra na literatura norte-americana.....	19
3.3 A literatura feminina afro-americana e a escrita de representação de Toni Morrison	22
4 A REPRESENTAÇÃO SOCIAL E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE EM TONI MORRISON.....	29
4.1 A representação em <i>The bluest eye</i>.....	31
4.2 A representação da desconstrução identitária através de Pecola	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia busca analisar a representação, utilizada como meio de expor os processos de construção e desconstrução identitária, em *The bluest eye*, romance de estreia da escritora negra norte-americana Toni Morrison, publicado em 1970. Nossa análise concentra-se na maneira como a autora usa a estética representativa para mostrar como acontece o processo de construção e desconstrução da identidade feminina negra norte-americana na primeira metade do século XX.

Para isso, procuraremos apontar, por meio de trechos da obra, de considerações e argumentos da autora, e de falas dos personagens, sobretudo de Pecola, personagem principal do romance, o uso de representação como forma de expor os problemas que afetam diretamente a construção da identidade feminina negra na obra. Partindo disso, surgem os seguintes questionamentos: Como a representação é usada pela escrita feminina afro-americana? Como a representação é utilizada para expor os problemas de construção identitária, especificamente das mulheres negras norte-americanas na primeira metade do século XX? E como a representação é usada por Toni Morrison em *The bluest eye* para expor os problemas inerentes à construção e a desconstrução identitária das mulheres negras?

O uso da estética representativa através do caráter autobiográfico surgiu junto com a escrita feminina afro-americana; as mulheres, e principalmente as mulheres negras, estavam relegadas a posições de inferioridade em relação aos homens até meados do século XX, e a literatura produzida por elas, assim como elas próprias, até então era desconsiderada. No entanto, os movimentos sufragistas e a luta pelos direitos das mulheres deram novo vigor a essas escritoras, que por estarem constantemente confinadas em seus lares, viram na estética autobiográfica e representativa uma forma de expor o apagamento e silenciamento a que estavam relegadas.

Nesse período, a escrita feminina se levanta como forma de resistência a essa situação; as escritoras negras, que por tantos séculos foram silenciadas e apagadas socialmente, viram na literatura uma forma de colocar as mulheres negras em foco, e dar voz a elas. Assim, com o intuito de expor os problemas sociais que cercam a vida das autoras e da sociedade, e principalmente das mulheres negras norte-americanas, essa literatura caracterizou-se principalmente pela representação. Tais características são encontradas nas obras da autora Toni Morrison, especialmente em *The Bluest eye*, obra aqui estudada e que traz muito da subjetividade da autora, o que contribui para a estética representativa da obra.

O enredo de *The bluest eye* apresenta os dramas que cercam a vida das personagens Pecola e Cláudia, duas meninas negras que tentam construir suas identidades em meio a uma sociedade devastada pelo preconceito e pelos padrões culturais de branqueamento. Nesse entremeio, somos apresentados a suas famílias e suas duras realidades. Pecola Breedlove, personagem principal, traz consigo uma carga enorme de abandono e violência, provenientes de uma família extremamente afetada pelo preconceito racial e pelo ódio que aquela sociedade nutria.

Em contrapartida, Claudia, apesar de partilhar com Pecola dos problemas sociais enfrentados por sua família e o preconceito racial, presente no seu dia a dia, constrói sua identidade baseada em algo que Pecola não conheceu, o afeto familiar. Dessa forma, Claudia busca construir para si uma identidade negra autodefinida, questionando a desvalorização da identidade feminina negra, a aculturação, e a alienação que faz com que Pecola desenvolva uma admiração insana pelo ideal estético hegemonicamente branco, o que culmina em sua loucura.

As relações familiares e sociais apresentadas no romance contribuem significativamente para nossa análise, visto que as identidades são construídas e desconstruídas através dessas relações. Assim, o foco da nossa análise está na forma como essas relações afetam diretamente a construção da identidade das duas meninas, e em como a narrativa usa essas relações para representar um determinado momento histórico-social. Portanto, o presente trabalho se propõe a historicizar a forma como a representação está intrínseca à escrita feminina negra afro-americana, e em como a escritora Toni Morrison usa a representação para recriar um quadro social, que problematiza a construção da identidade feminina negra em *The bluest eye*.

Para tanto, procuraremos nos apoiar nos estudos de Heloisa Toller Gomes (2011), Roland Walter (2009), Stuart Hall (2003), Frantz Fanon (2008), e etc., acerca dos problemas inerentes à posição social das pessoas negras, em especial das mulheres negras, bem como aos problemas ligados à sua construção identitária e a representação presente na escrita feminina afro-americana, para analisar, por meio de uma pesquisa de caráter qualitativo, cuja premissa se dá “com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”(SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 31); recorrendo a métodos exploratórios e explicativos, através de levantamento de material bibliográfico, o contexto histórico-social em que essas mulheres viviam e como isso interferia diretamente na construção de suas identidades.

2 TONI MORRISON E SUA OBRA

Toni Morrison nasceu em 1931, na cidade de Lorain em Ohio, Estados Unidos. Formada em Letras pela Howard University, ela foi professora e editora, e estreou sua carreira como romancista com a obra *O olho mais azul* (*The bluest eye*), no ano em que este foi publicado. Morrison foi uma das maiores e mais relevantes escritoras norte-americanas e suas obras tratam de temas sensíveis e delicados como alteridade e empatia, e de questões sociais como raça, preconceito, estereótipos e padrões. Ela faleceu em 2019, deixando um legado literário de grande importância para as Letras dos Estados Unidos.

Chloe Anthony Wofford (Toni Morrison)¹, foi a segunda de quatro irmãos; filha de um soldador e de uma dona de casa, ela viveu os primeiros anos de sua vida em meio a uma vizinhança miscigenada e financeiramente instável, em uma sociedade segregacionista. Morrison iniciou sua trajetória acadêmica na universidade de Howard, onde graduou-se em inglês e literatura clássica.

Nesse período, Morrison casou-se com o arquiteto jamaicano Harold Morrison; e após alcançar o título de Mestre em literatura pela Cornell University, ela retornou à Howard como professora. Alguns anos depois, surgiu a oportunidade de trabalhar na editora *Random House*, o que veio muito a calhar, pois Morrison estava divorciando-se ainda grávida do segundo filho e precisava se sustentar enquanto mãe solteira. Quando estreou na escrita, Morrison já tinha sua carreira como professora e editora bem consolidadas.

Durante cinco anos, Morrison escreveu pacientemente, inspirada por uma memória da juventude que a intrigou durante anos, e por autores pelos quais tinha admiração. Assim, ela lançou em 1970 seu romance de estreia, *The bluest eye* (*O olho mais azul*), que não foi bem aceito inicialmente, por trazer uma linguagem densa e tocar em assuntos sensíveis para a sociedade da época. Apesar disso, Morrison deu continuidade à sua obra, produzindo mais dez romances posteriores; são eles: *Sula* (1974), *Songs of Solomon* (1977), *Tar Baby* (1981), *Beloved* (1987), *Jazz* (1992), *Paradise* (1997), *Love* (2003), *A mercy* (2008), *Home* (2012) e *God help the child* (2015). Além dos romances, lançou cinco livros de literatura infantil em parceria com seu filho Slade, algumas obras de não ficção, contos, peças de teatro e muitos artigos acadêmicos.

Considerada a voz dos negros norte-americanos, Morrison usa uma escrita moderna, construída através de fluxo de consciência e *flashes* de memória, que nos introduz ao ambiente

¹ Disponível em: <https://www.taglivros.com/blog/toni-morrison-quem-foi/>

psicológico dos personagens, permitindo que os conheçamos de dentro para fora, fazendo com que conheçamos suas dores, traumas, desejos e fraquezas; não limpando-os de suas culpas, mas permitindo um olhar sensível frente aos acontecimentos narrados, como afirma Karla Cristina dos Passos (2019):

Sua escrita arguta e olhar empático, até mesmo para com as personagens de atitudes moralmente condenáveis, são dois fatores que tornam sua literatura inconfundível. Morrison nos permite, assim, compreender cada situação dentro da visão de mundo de quem a pratica, livre de pré-julgamentos. (PASSOS, 2019, p. 17)

A escrita de Morrison traz à tona assuntos muito delicados para a sociedade, uma vez que ela nos apresenta uma realidade difícil de ser encarada ao nos colocar de frente com personagens negros experimentando a dura realidade de suas vidas em uma sociedade preconceituosa e inseridos em seus conflitos interpessoais. Desse modo, sua obra expõe a falta de representatividade desses indivíduos, a violência por eles sofrida, e a falta de afeto a que são submetidos.

Ao longo de sua carreira, Morrison conquistou diversos prêmios, dentre eles destacam-se o *Pulitzer*, em 1998, por *Beloved (Amada)*, lançado em 1987, que é baseado na história real de uma mulher negra que foi escravizada, e é considerado até hoje uma das grandes obras americanas do século XX, e a obra-prima de Morrison. Em 1993, Morrison foi a primeira mulher negra a receber o Nobel de Literatura, o prêmio mais emblemático de sua carreira, e um dos mais relevantes para a escrita afro-americana, resultado de sua escrita cativante, tocante, sensível e empática.

Publicado em 1970, o romance *O olho mais azul (The Bluest Eye)*, da escritora norte-americana Toni Morrison, é ambientado no ano de 1941, na cidade de Lorain, no Estado de Ohio, no centro-oeste dos Estados Unidos, local onde nasceu a autora. Os acontecimentos narrados por Claudia McTeer em *O olho mais azul* expõem um país que atravessava inúmeros problemas e enfrentava questões políticas, sociais e culturais. Esse período social dos Estados Unidos se baseava socialmente na ideologia de que havia uma “hierarquia racial” (WEDDERBURN, 2007, p. 188) que colocava o indivíduo de pele branca em posição superior ao indivíduo de pele negra.

Morrison (1970) toca em aspectos precisamente delicados da sociedade norte-americana da primeira metade do século XX. Além disso, ela ambienta sua narrativa em uma sociedade que, mesmo doze anos após a Queda da bolsa/Grande depressão que ocorreu em 1929, ainda

lutava para se reerguer e estava economicamente instável, e que acabara de ingressar na Segunda Guerra Mundial, aumentando as tensões e as incertezas entre a população.

Assim, o romance se passa um cenário segregacionista onde ainda estão vigentes as Leis de Jim Crow², leis que dividem a sociedade pela cor da pele e negam aos cidadãos negros direitos essenciais, como educação e saúde, e os mantinham dependentes dos cidadãos brancos; como afirma Wellington Neves Vieira (2008, p. 83), “Mesmo depois da abolição da escravidão, os negros nos Estados Unidos eram obrigados a obedecer a diversas leis, eram proibidos de entrarem em algumas lojas, restaurantes e bairros. Inúmeras eram as formas de discriminações.”

É nesse cenário que a trama se desenvolve, através de uma escrita envolvente que traz *flashes* de memória e fluxo de consciência. O texto divide-se em quatro partes que levam o nome das estações do ano, outono, inverno, primavera e verão, respectivamente; o uso das estações do ano, segundo Passos (2019, p. 26), serve como um “indicativo do que seria vivido pelas personagens da trama”. Claudia McTeer, uma menina negra de aproximadamente nove anos, é quem narra os acontecimentos vividos por Pecola Breedlove, dividindo a narração, em alguns momentos, com um narrador onisciente em terceira pessoa que, de acordo com Cleideni Alves do Nascimento e Marly Catarina Soares (2010, p. 378), é “responsável pela caracterização de todas as personagens que desconstroem Pecola.”, permitindo que o leitor passeie pelo ambiente psicológico dos personagens.

A narrativa inicia-se com um texto repetitivo retirado de uma cartilha de alfabetização usado nos Estados Unidos entre as décadas de trinta e setenta, que nos apresenta uma família branca e feliz, economicamente estável e muito afetiva, um modelo de família perfeita para os padrões da época. A partir de então, esse texto repete-se, porém, perdendo a pontuação e em seguida os espaços que separam as palavras, dificultando a leitura, provocando estranheza e incômodo no leitor, como apresentado no trecho abaixo:

Esta é a casa. É verde e branca. Tem uma porta vermelha. É muito bonita. Esta é a família. A mãe, o pai, Dick e Jane moram na casa branca e verde. Eles são muito felizes.
[...]Esta é a casa é verde branca tem uma porta vermelha é muito bonita esta é a família a mãe o pai Dick e Jane moram na casa branca e verde eles são muito felizes veja Jane ela está vestida vermelho[...] (MORRISON, 2019, p. 7-8)

² “As leis Jim Crow foram leis adotadas entre os anos de 1876 e 1965 nos estados da parte sul dos Estados Unidos com o intuito de manter as pessoas negras afastadas da sociedade branca, marginalizadas, e sem direitos assegurados; segregadas social e economicamente”. (LOPES, 2007, p. 27).

Esse trecho, que a princípio apresenta-se organizado e coerente, serve para dar ênfase à hostilidade em que vive a personagem principal, Pecola Breedlove, pois a partir do momento em que o texto perde sua pontuação e espaçamento, ele perde também sua coerência, seu sentido, causando incômodo e apreensão no leitor. Assim sendo, esse trecho está presente no início do romance para preparar o leitor para conhecer as famílias negras, segregadas, economicamente instáveis, e completamente opostas à família apresentada na cartilha, que moravam nos Estados Unidos nos anos 1940, especialmente as famílias McTeer e Breedlove. Sobre este ponto, Nascimento e Soares (2010, p. 382) afirmam que “É através dele que a autora mostra um paradoxo que é uma história que se passa na década de 1940, vivida por uma família negra muito pobre.”

A partir de então, a narradora, Claudia, que quando narra os acontecimentos não é mais uma criança, entrega no início do texto o que aconteceu com Pecola Breedlove no ano de 1941, falando sobre a morte da inocência e do bebê de Pecola, fruto do estupro cometido por seu próprio pai. Claudia propõe-se a narrar a história de Pecola desde o início, de maneira sensível e empática, expondo não apenas o abuso que a menina sofreu de seu pai, mas também a destruturação familiar e falta de afeto que preenchiam a casa e a família da personagem, bem como a hostilidade, o desprezo e o preconceito dirigidos ao ser mais frágil da sociedade, uma menina negra de 11 anos, por parte de negros e brancos; fatores que foram os pilares fundamentais da desconstrução de Pecola Breedlove.

3 A ESCRITA FEMININA: O PAPEL SOCIAL E A ENTRADA DA MULHER NA LITERATURA NORTE-AMERICANA

A literatura norte-americana iniciou-se juntamente com a colonização do “Novo Mundo” ou “Nova Inglaterra”, como os descobridores e colonizadores dos Estados Unidos o chamavam inicialmente, e trazia os aspectos da nação colonizadora (Inglaterra) juntamente com o desejo de construir uma nação melhorada e aprimorada através de sua cultura, de sua educação e, principalmente, de sua religião. Porém, esse ideal de uma sociedade pura e aprimorada trouxe consigo um bloqueio cultural que não abria espaço para conhecer ou incorporar qualquer outra cultura, considerando-as “minoritárias” mesmo após a entrada de milhares de imigrantes vindos de diversas partes do mundo para os Estados Unidos, como afirma Eloína Prati dos Santos:

Esse tipo de constatação nos leva a enfatizar ainda mais a lamentável desconsideração dessas culturas ditas “minoritárias” por parte da academia e do *establishment* cultural por tanto tempo.

A base teórica e pedagógica que norteou a história da literatura e a formação do cânone até os anos 60 do século XX nos Estados Unidos foi predominantemente europeia, branca, cristã e anglo-americana. A maior parte das antologias e dos acervos escolares e universitários compreendiam obras de homens brancos [...] (SANTOS, 2001, p. 4).

Os Estados Unidos tornaram-se então uma sociedade em formação e crescimento, que preservava uma cultura conservadora e patriarcal; a literatura, assim como outras artes e ciências, também preservava tais traços. Esse conservadorismo tornava predominante a escrita masculina, e branca, excluindo as mulheres brancas e todas as outras minorias: negros, judeus, imigrantes e outros. Os escassos nomes femininos que figuram o cenário literário nos séculos XVIII e XIX traziam em suas narrativas o mesmo conservadorismo de cunho religioso, de submissão e inferioridade intelectual feminina defendidos pelo patriarcado branco da época, como é o caso de Anne Bradstreet (1678), primeira escritora publicada nos Estados Unidos (Nova Inglaterra).

No século XIX, as mulheres brancas eram educadas e treinadas para serem “anjos do lar” (VIRGINIA WOOLF, 1931), eram ensinadas a comportar-se como “damas” e a dedicar-se ao lar e aos filhos; e a serem submissas ao gênero masculino, como afirma a professora de Literatura Inglesa e Comparada da Universidade de São Paulo (USP), Sandra Vasconcelos, em entrevista à BBC Brasil³, “A esposa era a responsável pelo mundo doméstico, da porta da casa

³ COSTA, Camilla. As escritoras que tiveram de usar pseudônimos masculinos – e agora serão lidas com seus nomes verdadeiros. BBC NEWS|Brasil, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43592400>. Acesso em: 21 de dezembro de 2021.

para dentro. Muitas delas não tinham sequer acesso à educação formal. E toda mulher que tinha algum tipo de ambição para além disso era um ponto fora da curva.”; já as mulheres negras foram escravizadas, marginalizadas, abusadas e tornaram-se invisíveis dentro desta sociedade. Em nenhum dos dois casos, a mulher tinha voz ou participação social ativa; o que diferenciava os dois tipos de mulher eram os poucos privilégios que a branca tinha. Por exemplo, a mulher branca tinha educação, ela aprendia a ler e escrever, tinha acesso a papel e tinta, e isso proporcionou a iniciação da mulher na escrita norte-americana.

Mesmo impedidas da participação na literatura, a escrita feminina norte-americana prosperou. As mulheres não apenas escreveram, mas também publicaram seus romances. Algumas dessas escritoras recorreram ao anonimato. Ainda em entrevista à BBC Brasil, a professora Sandra Vasconcelos alega que “As que ousavam publicar usando seus próprios nomes recebiam muitas críticas, porque estavam extrapolando o papel designado para elas. A maioria acaba usando pseudônimo porque não quer se expor publicamente”.

No contexto da literatura de língua inglesa, entre as autoras que publicaram suas obras sob um pseudônimo masculino no século XIX destacam-se as irmãs Brontë, que publicaram suas obras como Currer, Ellis e Acton Bell, respectivamente; Mary Ann Evans, que publicou sob o pseudônimo George Eliot, e outras mulheres que escreveram obras de grande relevância para a literatura mundial, e que nos dias atuais integram o cânone da literatura. Esses pseudônimos, no entanto, precisavam estar de acordo com os estereótipos da época, ou seja, essa “outra identidade” das autoras não tinha apenas de ser do gênero masculino, mas também tinham de ser de pele branca.

Como afirma Santos (2001, p. 4), somente “Após as duas primeiras décadas do nosso século, algumas mulheres, passam a figurar escassamente dentro desse universo, Emily Dickinson e Edith Wharton, por exemplo”, ou seja, a inclusão da escrita feminina à literatura do país no início do século XX foi uma enorme conquista para as mulheres que até então integravam as excluídas “minorias” sociais da época. No entanto, basta apenas um olhar mais atento para perceber que, dentre os nomes de mulheres que passaram a integrar o cenário literário nesse período somente as mulheres de pele branca eram aceitas; em contrapartida, o preconceito, a segregação e a condição social não permitiram que as mulheres negras fossem incluídas nesse progresso.

3.1 O movimento sufragista e a posição social das pessoas negras estadunidenses

Em meados do século XIX, difundiu-se a luta pelos direitos das mulheres, quando o movimento sufragista tornou-se popular em diversos países, inclusive nos Estados Unidos. Nesse período, as convenções para debater o tema também tornaram-se populares entre os apoiadores, e através de jornais, panfletos e manifestos esses segmentos reivindicavam para as mulheres os direitos sobre seu corpo, sobre seus bens, seus filhos, o direito de escolha e principalmente o direito ao voto, que objetivava integrar a mulher na política. Segundo Priscilla Pellegrino de Oliveira (2020, p. 102), “o que marca o início do movimento pelos direitos das mulheres nos Estados Unidos com o documento *Declaração de direitos e opiniões*, conseguindo a adoção de 12 resoluções que se baseavam na ideia da igualdade entre os sexos perante a lei, tendo seus direitos garantidos”.

A partir de então, o movimento em prol dos direitos das mulheres tomou grandes proporções, em 1850 esses movimentos passaram a reivindicar também os direitos das mulheres de cor. O *National Women's Right Convention*, que ocorreu nesse mesmo ano, reivindicava direitos iguais para todas as mulheres da sociedade, sem distinção. Ainda em 1850, aconteceu a primeira palestra de uma mulher negra, segundo Oliveira (2020):

No primeiro encontro, ocorrido em Worcester, Massachusetts, estava uma ex-escrava do estado de Nova Iorque, mãe de treze filhos vendidos no mercado escravo, que ganhou a liberdade em 1827. Após trabalhar como empregada doméstica por alguns anos, decidiu testemunhar contra as injustiças cometidas contra seu povo. Segundo Miriam Schneir (1994), Sojourner Truth (1795-1883) em pouco tempo se tornou conhecida e falava em locais onde conseguia reunir um grupo de pessoas. Identificava-se com a causa das mulheres e foi a única mulher negra presente na *First National Woman's Rights Convention*, em 1850. Nunca aprendera a ler ou escrever, mas seu discurso “Não sou eu uma mulher?” em uma convenção em Akron, Ohio, foi transcrito por Frances Gage, que presidiu o encontro. Seu discurso questionava as diferenças existentes entre as mulheres brancas e negras, entre mulheres e homens. A partir desse evento passou a participar de convenções femininas discursando sobre os direitos femininos usando inclusive passagens bíblicas. Tornou-se reconhecida simbolicamente como líder dos direitos das mulheres negras. (OLIVEIRA, 2020. p. 103)

Esses movimentos continuaram crescendo, ganhando apoiadores, notoriedade e alcançando objetivos, no entanto, alguns fatores tornaram esse movimento instável e conflituoso. O movimento pelo sufrágio ou simplesmente “a questão da mulher” estava aliado a outros movimentos em favor da liberdade social e reformas políticas, além de apoiar e dividir atenção com o movimento abolicionista, que nesse período fervia com os discursos e relatos autobiográficos de Frederick Douglass, ex-escravo que lutou pela liberdade de seu povo e ficou conhecido como “o pai do movimento pelos direitos civis”. Tais circunstâncias, associadas à não definição do foco do movimento, e às diferenças sociais, raciais e econômicas existentes

entre as mulheres, contribuíram para um certo declínio do movimento sufragista durante a Guerra de Secessão.

Contudo, durante esse período o regime escravocrata ainda estava vigente nos Estados Unidos; e o negro ainda não existia naquela sociedade como parte igualitária, pois não tinha posição ou papel social, direitos ou voz ativa. No entanto, a constante luta pelo fim do regime escravocrata e pela liberdade ganhou apoiadores e muita visibilidade. Em 1860, Abraham Lincoln foi eleito presidente dos Estados Unidos, em meio a um cenário de instabilidade social, política e econômica; o conflito entre o norte progressista, industrializado que fazia uso de mão de obra livre e assalariada, e o sul conservador, agrícola e escravista aumentava as tensões, e dividia o país. Em 1861, após os sulistas tentarem eleger outro presidente, Lincoln finalmente assumiu o posto; evento que culminou na Guerra Civil/de Secessão que durou quatro anos (1861-1865), na qual lutaram milhares de escravos e ex-escravos ao lado de nortistas pela própria liberdade.

Em 1863, durante a Guerra Civil, Lincoln assinou a Proclamação de emancipação, documento que dava início a abolição oficial da escravatura no país. Em 1864 a Proclamação de emancipação foi aprovada no senado; e em janeiro de 1865, ano do fim da Guerra Civil, a 13ª emenda da constituição americana foi aprovada pelos parlamentares abolindo oficialmente o regime escravocrata nos Estados Unidos; a emenda entrou em vigor em dezembro do mesmo ano, libertando os negros norte-americanos depois de séculos de servidão forçada.

Com o fim da Guerra Civil, que culminou na abolição da escravatura, veio a Reconstrução, que tinha por objetivo reintegrar os estados sulistas e unificar o país. Porém, após o assassinato de Lincoln, seu vice, Andrew Johnson, um antigo senhor de escravos conservador e simpatizante do regime escravista, assumiu a presidência; com o mandato de Johnson surgiram novos problemas para a recém liberta população negra sulista, que não tinha direitos assegurados e nenhum plano do governo para integrá-los socialmente. Johnson permitiu que os governos majoritariamente brancos, conservadores e racistas do Sul insturassem os “Black codes”, leis que mantinham a população negra, agora livre, subjugada a um sistema praticamente igual a escravidão, restringindo sua liberdade social, pessoal e seu poder aquisitivo.

Em 1866, após muita luta, foi promulgada a Lei dos Direitos Civis, que concedia “cidadania a todos os homens norte-americanos, não nativos, mas nascidos nos Estados Unidos, independentemente de raça ou histórico de servidão” (BLAKEMORE, 2021⁴); porém, essa lei

⁴ BLAKEMORE, Erin. Reconstrução deu esperanças de igualdade para população negra dos EUA. Por que não deu certo? NATIONAL GEOGRAPHIC|Brasil, 2021. Disponível em:

abrangia apenas os homens, negligenciando as mulheres e crianças negras. Em 1868, a 14ª emenda ‘concedeu cidadania a todas as pessoas nascidas ou naturalizadas nos Estados Unidos, proibiu os estados de privarem qualquer pessoa do seu direito à “vida, liberdade ou propriedade sem o devido processo legal” e garantia proteção igual a todas as pessoas perante a lei’ (BLAKEMORE, 2021, grifos do autor).

Tal situação que não agradou os conservadores supremacistas brancos que regiam a política e legislação dos Estados do Sul, que logo descobriu maneira de negar os direitos recém adquiridos pelos negros. Assim, várias medidas foram criadas a fim de impedir os homens negros de exercer o seu direito ao voto, além dos inúmeros atos de violência racial praticados pelos supremacistas brancos com intuito de intimidar toda a sociedade negra, mantendo-os afastados, inferiorizados e marginalizados; impossibilitando-os de exercerem sua cidadania e de usufruírem de seus direitos.

Como consequência, em 1976 foram promulgadas e instauradas as leis Jim Crow, conjunto de leis que tinham o intuito de segregar a população negra, mantendo-os à margem da sociedade e inferiorizando sua raça. Essas leis “segregavam espaços sociais, criminalizavam a interação entre raças e privavam os eleitores negros por meio de taxas de votação, testes de alfabetização e outras barreiras” (BLAKEMORE, 2021). Além condicionarem os cidadãos e cidadãs negros a péssimas condições de moradia, educação, saúde e outros direitos básicos.

Neste momento o movimento pelo sufrágio voltou à tona com força entre , a união de mulheres brancas a causa abolicionista encorajou mulheres negras a apoiarem e juntarem-se ao movimento feminista para exigir reconhecimento social e outros direitos essenciais, que até então eram comuns apenas aos homens, como o direito ao voto, entretanto, conforme Priscilla Pellegrino de Oliveira (2020, p. 106), “Havia uma discrepância entre as lutas das mulheres brancas de classe média e as mulheres negras, que buscavam o fim da escravidão em uma luta dupla e desequilibrada”. Ainda segundo Oliveira:

[...]O fim da guerra foi um grande incentivo para o ativismo feminino por encorajar a formação de associações de ajuda formadas por mulheres pela abolição da escravidão. As mulheres passaram a reivindicar então o direito a uma carreira profissional, o controle sobre seu próprio corpo, melhores salários, assim como a questionar a carga de trabalho doméstico. Reformistas responderam a esse apelo de forma favorável em relação à emancipação feminina como forma de garantir a continuação de um avanço econômico devido à Revolução Industrial. O casamento e a dependência financeira passaram a ser considerados os principais instrumentos de opressão feminina. A individualidade feminina era suprimida e sua personalidade devia estar de acordo com o ideal masculino [...]. (OLIVEIRA, 2020, p. 104).

A partir desse momento, a luta pela igualdade de direitos e pela liberdade sexual foram o cerne dos movimentos sufragistas pelos direitos das mulheres. Esses movimentos ganharam notoriedade e apoiadores, e conseguiram conquistar para as mulheres muitos direitos no início do século XX. No entanto, esse cenário ainda era desigual e obedecia a leis estaduais distintas. Tais leis impunham condições e limites a esses direitos, e em alguns casos os estados sequer os reconheciam. Assim, de acordo com Valerie Sanders:

[...] diferentes legislações estaduais passaram medidas de reformas independentes do governo central. Assim, as mulheres de Yominge Utah conquistaram o voto em 1869 e 1870, respectivamente, enquanto que as mulheres dos estados do norte permaneceram sem o direito ao voto até 1920. Uma vez estimuladas, as campanhas feministas americanas procederam em diferentes proporções por todo o país, buscando reformas.
(SANDERS, 2006, p. 21 *apud* OLIVEIRA, 2020, p. 104).

Apesar do avanços e conquistas do movimento feminista, pode-se notar que a luta pelos direitos das mulheres era desigual em muitos aspectos; os homens negros obtiveram o direito ao voto e a cidadania ainda em 1866, e já participavam ativamente da política em 1870, as mulheres brancas no entanto estavam condicionadas à legislação estadual, e alguns estados progressistas concederam as mulheres brancas o direito ao voto ainda no século XIX, no entanto, apenas em 1920, com a ratificação da 19^o emenda à constituição, todas as mulheres brancas do país tiveram acesso ao voto. Contudo, “Apesar da aprovação, nem todas as mulheres tiveram o acesso garantido ao voto. As negras, por exemplo, foram praticamente excluídas da ação conquistada por sufragistas brancas, que se distanciaram de ativistas negras através de divisões na conciliação entre gênero e raça.” (Pereira, 2020)⁵.

As mulheres negras só obtiveram acesso garantido ao voto em todo o território dos Estado Unidos em 1964, com a instauração da Lei dos Direitos Civis. Ou seja, mesmo com a segregação racial e o preconceito contra a raça negra, o direito dos homens negros foi colocado acima do direito das mulheres brancas, fato que as inferioriza politicamente, ainda que socialmente esses homens estivessem em posição inferior às mulheres brancas; criando uma hierarquia social onde a mulher negra torna-se o ser mais vulnerável, indefeso e invisível da sociedade.

⁵ PEREIRA, Giulia. Há 100 anos, sufragistas americanas conquistavam direito ao voto feminino. CNN|Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/ha-100-anos-sufragistas-americanas-conquistavam-direito-ao-voto-feminino/> Acesso em: 22 de dezembro de 2021.

A condição social, e o preconceito colocavam os cidadãos negros em posição inferior aos cidadãos brancos, a segregação os marginalizava e inferiorizava, obrigando-os a estudarem em escolas separadas, a terem um assento só para negros nos ônibus, bancos reservados nas praças e instalações para “pessoas de cor” em praticamente todos os setores públicos dos estados do sul do país; afastando-os da sociedade.

3.2 A entrada da escrita da mulher negra na literatura norte-americana

No início do século XX, a literatura feminina ainda se desenvolvia vagarosa e timidamente; a maioria da sociedade ainda preservava os ideais moralistas e religiosos que inferiorizam a mulher e sua capacidade intelectual. Nas palavras de Oliveira (2020, p. 99): “a exclusão das mulheres da autoridade cultural se dava devido à falta de (ou pouco) acesso à educação formal, até o início do século XX”, fato que tornava a produção literária feminina norte-americana escassa.

Nesse cenário, os escassos nomes femininos que integravam o mercado editorial eram predominantemente de pele branca. Entretanto, mesmo para essas mulheres que se encaixavam no “padrão” até então aceito socialmente, este era um ambiente hostil. A maioria das escritoras desse período foi apagada pela crítica literária que preferia “afirmar que a ficção da época era dominada pelo romance e que os Estados Unidos não produziam romances sociais.” (SANTOS, 2001, p. 5), a inserir essas autoras no cânone literário do país. A escrita feminina travou, então, uma longa e árdua luta por aceitação e legitimação que perdura até os dias atuais.

Para a literatura feminina de origem negra essa luta tornou-se ainda mais complexa e demorada. Assim, mulheres negras ainda eram raras e invisíveis neste quadro, integravam a última esfera da sociedade, a falta de educação de qualidade, liberdade, recursos e voz às manteve excluídas e inferiorizadas durante muito tempo. Apesar disso, homens afro-americanos já figuravam no cenário literário do país no século XX, acarretando muito prestígio e representatividade para a população negra do país, como Booker T. Washington, W.E.B. Du Bois, entre outros, que se destacaram após a Guerra Civil. Esses autores deram o pontapé inicial para a escrita afro-americana, abrindo caminho e fazendo-se ouvir, através de narrativas que iam de encontro aos estereótipos socioculturais da época. A esse respeito, Heloisa Toller Gomes diz que:

Apesar da candente problemática racial no país, característica da primeira metade do século XX, novas vozes beneficiavam-se das brechas no tecido cultural, antes praticamente inexpugnável, fazendo-se finalmente ouvir. Seus autores utilizavam-se

dos pontos de fragilidade do requintado sistema cultural em vigor, para ali estabelecerem aquilo que Homi Bhabha chamou de *contra-narrativas da nação*. Na elaboração de novos cânones, criavam-se formas inéditas de expressão. (GOMES, 2011, p. 35)

A partir de então, essas *contra-narrativas* deram início as chamadas *escritas marginais* ou *literatura marginal*. Esse estilo de escrita marginal dava voz às minorias sociais, permitindo que os grupos sociais que vivem às margens da sociedade tivessem voz, e se fizessem ouvir, apropriando-se do discurso do dominante para expor o discurso do dominado, para assim criar uma nova consciência e “Inserindo-se em meio a falhas do tecido cultural, o discurso marginal ocupa suas lacunas para, a partir delas, construir novas positivities que desestabilizarão os sentidos consagrados” (GOMES, 2011), como é o caso da literatura afro-americana.

O discurso marginal da literatura afro-americana se dá no sentido de que essa literatura construiu-se em dois vieses diferentes, mas muito presentes na vida do negro norte-americano: de um lado estava o discurso branco-europeu culturalmente dominante e superior; e do outro, havia o discurso negro afrodescendente escravizado, culturalmente inferiorizado e excluído. Esses discursos mesclam-se na narrativa afro-americana, originando uma literatura auto representativa que se teceu às margens da sociedade da época, expondo as dores e os dilemas do povo negro.

Apesar dos avanços conquistados pela comunidade negra nesse período, a literatura de autoria feminina na primeira metade do século XX avançou pouco, pois a mulher negra ainda era “invisível” nessa sociedade e ocupava posições pré-determinadas: ela era babá, doméstica, lavadeira, cozinheira e nunca ocupava um cargo de chefia, em meio a comunidade negra ela também era inferiorizada, era submissa ao marido, que tinha mais direitos do que ela, e sua função era cuidar dos filhos e da casa; estudar, ocupar cargos em empresas ou seguir em outras áreas ainda eram exceções à regra.

Contudo, a partir dos anos 60, com o movimento pelos Direitos Civis e o crescente apoio e inserção das mulheres negras ao movimento feminista, a literatura feminina afro-americana alcança notoriedade. Assim, na segunda metade do século, o movimento fumista passa por uma fase de grande euforia, reivindicando a igualdade de gênero e a liberdade sexual, esse movimento passa a agregar e a apoiar o movimento das mulheres negras pelos Direitos Civis, que reivindicavam o direito ao voto, entre outras coisas; esses movimentos geraram o espaço necessário para que as mulheres negras se fizessem ver e ouvir através de formas de expressão novas e originais, como a literatura feminina afro-americana. Segundo Luciana Mesquita:

[...] essa vertente literária se expandiu a partir dos anos de 1970 com o trabalho de autoras como Toni Cade Bambara, Maya Angelou, Alice Walker e Toni Morrison, as quais contribuíram para o resgate de textos de escritores afro-americanos silenciados no passado e a ampliação da visibilidade de mulheres negras, que foram continuamente relegadas a uma posição de marginalidade no contexto de uma sociedade patriarcal, colonialista e racista. (MESQUITA, 2021, p. 365)

Essas autoras conquistaram notoriedade e respeito para sua escrita e para a escrita de autores afro-americanos que vieram antes delas, e que foram silenciados pela sociedade racista branca. A escrita afro-americana sempre foi uma escrita de teor autobiográfico, que expunha a dura realidade da vida das pessoas de cor que sobreviviam às margens da sociedade branca racista e segregacionista, e que lutavam pela afirmação da própria humanidade e identidade. A literatura feminina ainda foi além, segundo Mesquita (2021, p. 365), “No que diz respeito às temáticas das obras de autoras afro-americanas, questões como a experiência compartilhada dos indivíduos negros estadunidenses, o racismo, a produção de subjetividades, as representações femininas, os relacionamentos, a maternidade e a comunidade costumam ser frequentemente discutidas.”

Ou seja, a literatura feminina afro-americana busca retratar as lutas vividas pelo povo negro através da escrita autobiográfica e de representação; onde a mulher negra tornou-se o personagem principal de uma narrativa escrita por uma mulher negra, que fala com propriedade sobre a vida e os dilemas enfrentados em meio a uma sociedade completamente hostil a elas e a sua escrita. Em relação ao caráter autobiográfico e auto representativo da escrita feminina afro-americana, Wellington Neves Vieira afirma que:

No caso das mulheres negras, por serem inseridas em uma sociedade racista, machista e socialmente hierarquizada, não havia outros espaços, a não ser, viver escanteada em seus lares, por sua vez, esta sufocação vai contribuir para a produção de escritas autobiográficas, libertando-as desse abafamento e desabafando o seu imaginário. Essa especificidade peculiar da arte feminina traz à tona a sua visão de mundo partindo do universo interior, descobrindo o que havia por trás dessa condição feminina, no intuito de dar luz libertadora a cruel opressão vivenciada por estas mulheres. (VIEIRA, 2008, p. 84-85).

Assim, a escrita afro-americana de autoria feminina era uma literatura de militância, de posicionamento e de representatividade, que usava sua dura realidade como arma, não fazendo reivindicações, mas induzindo seu leitor a refletir sobre o que é ser negro nos Estados Unidos no século XX, e a partir disso criar uma nova consciência social. Para tal, essas autoras escrevem de maneira autobiográfica, não escrevendo sobre si mesmas, mas colocando nas suas obras a realidade da vida nas margens da sociedade. Assim, através de personagens femininas negras, essas autoras expunham os problemas que vinham embutidos em ser uma mulher negra,

em uma comunidade negra excluída socialmente. Esse perfil de escrita autobiográfica traz o preconceito como plano de fundo para evidenciar os abusos, a inferiorização e o apagamento de toda uma raça, mostrando como os estereótipos e padrões sociais são prejudiciais à construção de uma identidade negra.

Desse modo, Toni Morrison usa esse perfil estético para construir personagens negras que evidenciam como os dilemas sociais e pessoais, advindos do preconceito racial, afetam a construção e a afirmação de sua identidade. Através de representação, Morrison expõe como as mulheres negras enfrentam o silenciamento, e apagamento social e econômico, além do preconceito sofrido dentro e fora das comunidades negras presentes em suas obras. Sobre esse ponto, Raphael de Andrade Lima Amorim diz que:

A obra de Morrison engrandece na medida em que ela propõe ao leitor viver suas narrativas dentro de um espaço literário contemporâneo da diáspora negra americana e nos mostra, mediante seu lirismo, como devemos observar as vivências de um povo que teve sua história sequestrada. É preciso ter em mente, ainda, as questões que se tornam necessárias aqui e o fato de a literatura de Morrison nos fazer (re)pensar a história de uma república americana que foi construída pela perspectiva histórica do branco e que fantasiou a história dos corpos negros. (AMORIM, 2021, p. 24).

Nosso próximo ponto de estudo destaca o modo como a literatura de Toni Morrison se constrói como um texto de representação, mas de levante sobre os problemas comuns de sua comunidade.

3.3 A literatura feminina afro-americana e a escrita de representação de Toni Morrison

Sempre presente na literatura norte-americana escrita por mulheres negras, a representação é uma forma realística, mesmo quando se trata de textos ficcionais, de retratar a vida e a luta do povo negro, e principalmente das mulheres negras. Através da representação, essas autoras lançaram luz a questões que nos dias atuais ainda precisam ser discutidas, como por exemplo, a necessidade de lutar pela afirmação de sua identidade e cultura; de afirmar sua beleza; de afirmar-se enquanto ser humano, com dores, sentimentos, sensações e emoções; de afirmar-se como cidadãos com direitos, deveres, e relevância para a sociedade. Tudo isso foi o ponto central da batalha que a comunidade negra travou durante séculos com a comunidade branca supremacista e racista.

Esses também foram os temas centrais da literatura de Toni Morrison, que, por meio da representação, reflete acerca da dureza da vida das pessoas de cor, e seus dilemas sociais e pessoais, expondo como os estereótipos, os padrões sociais e o preconceito afetam a vida dessas

peessoas. O “padrão” social hegemonicamente branco, supremacista e segregacionista dos Estados Unidos no século XX é o plano de fundo utilizado por Morrison em suas narrativas, seus personagens estão sempre cercados por questões ligadas diretamente à raça, e à sua identidade racial propriamente dita; expondo como esse “padrão” branco, que inferioriza e exclui as pessoas de cor, impossibilita a construção de uma consciência racial sólida.

Esse padrão se origina das “normas míticas” que regem a sociedade e que produzem consciências sociais e nacionais, em conformidade, Audre Lorde (2019, p. 143) afirma que “nos Estados Unidos, essa norma geralmente é definida como branco, magro, homem, jovem, heterossexual, cristão e financeiramente estável. É nessa norma mítica que residem as armadilhas do poder nessa sociedade”. Inerentes a essas normas estava o pensamento binário, que é basicamente a oposição entre bem e mal, considerando apenas dois extremos, assim, tudo o que não é bem, é mal, ou seja, esse pensamento binário categoriza ideias, coisas e pessoas pautado na sua relevância social. de acordo com Luciana Mesquita:

[...]É o que ocorre com pares como “razão/emoção”, “fato/opinião”, “homem/mulher”, “branco/negro”, entre outros. Nessa conjuntura em que se apresenta uma dicotomia, cada elemento só passa a ter significado quando é relacionado ao componente oposto. Além disso, a constituição dos pares é pautada por valores hierárquicos: o primeiro aspecto, geralmente é visto como superior e pertencente a um ideal de “universalidade”, enquanto o segundo, tende a ser inferiorizado e marcado discursivamente. Por exemplo, ao se considerar o pensamento binário “branco/negro”, o termo “branco” é dado como universal, referindo-se a um sujeito favorecido em uma estrutura social de poder, e o vocábulo “negro”, por sua vez, traz em si uma ideia de que o mesmo é diferente e excluído desse sistema e, por isso, pode ser objetificado e ter sua identidade racial evidenciada. [...] (MESQUITA, 2021, p. 368)

O resultado disso é o conflito entre estar ou não dentro do padrão, se encaixar ou não na sociedade, esse conflito afeta drasticamente a forma como o negro, escravizado, estereotipado, inferiorizado e segregado, enxerga a si mesmo e sua comunidade. Esse conflito de valores, onde o branco domina e o negro é dominado, faz com que o negro deseje estar em igualdade com a cultura do branco, não entendendo e valorizando a sua cultura para estar em equidade, mas absorvendo e praticando a cultura do dominante, entrando em um processo de aculturação. Dessa forma, o negro não desenvolve uma consciência própria de sua raça, ele torna-se o que a cultura do dominante faz dele. A esse respeito W. E. B. Du Bois diz que:

É uma sensação estranha, essa consciência dupla, essa sensação de estar sempre a se olhar com os olhos dos outros, de medir sua própria alma pela medida de um mundo que continua a mirá-lo com divertido desprezo e piedade. E sempre a sentir sua duplicidade – americano, e negro; duas almas, dois pensamentos, dois esforços irreconciliados; dois ideais que se combatem em um corpo escuro cuja força obstinada unicamente impede que se destróce (DU BOIS, 1999, p. 54).

Para Du Bois, ser negro no Estados Unidos implica não ter uma consciência original de si mesmo, mas ver-se através da concepção que um outro, geralmente de pele branca, que inferioriza e estigmatiza toda a raça, cria para o negro, explicitando a quão conflituosa é a construção de identidade racial em meio a uma sociedade regida e influenciada pela hegemonia branca. A diáspora sofrida pelo povo negro, obrigado a deixar suas origens e adaptar-se à cultura norte-americana vinda da Europa é o ponto de partida do surgimento dessa dupla consciência, que mantém os negros norte-americanos divididos entre a sua cultura ancestral de origem negra, e a cultura dominante de seu opressor de pele branca. Em concordância, Angela Maria Weichsung Hentges afirma que:

Assim, poderemos propor uma visão alternativa para representação do homem europeu como modelo a ser seguido, onde os valores culturais dos outros homens não têm importância, onde a civilidade é atribuída ao branco e o negro é visto como selvagem. Dessa forma o negro não pode se constituir sujeito, ficando a mercê de interesses e jogos de poder que o deixaram à margem da sociedade, impedindo seu desenvolvimento como humano, transformando-o em objeto para servir a propósitos alheios aos seus interesses. (HENTGES, 2016, p. 18)

Essa situação resulta em afro-americanos aculturados, sem uma identidade racial consolidada, que aderem ao embranquecimento de seus costumes e crenças com o intuito de estar dentro dos "padrões" impostos socialmente pela cultura dominante. Segundo Roland Walter (2009), Morrison usa essa consciência dupla para expor e problematizar a aculturação racial, e também para reconstruir a identidade do povo negro:

A dupla escrita de Morrison tem duas funções principais: uma função desconstrutiva que desmistifica e problematiza as práticas e as forças socioculturais da comunidade negra e o seu entre-lugar na sociedade norte-americana, e uma função reconstrutiva que reúne a comunidade negra mediante a rememoração dos seus mitos e crenças, do seu imaginário. (WALTER, 2009, p. 152)

Para tal, Morrison usa a escrita autobiográfica e auto representativa como meio para refletir como mesmo depois de anos de escravidão, segregação, racismo e uma longa luta pelos próprios direitos, ser negro ainda implica em ser diferente, e não se encaixar nos padrões sociais. Para Toni Morrison,

O corpo negro permanece, transmutando-se em sinônimo de gente pobre, sinônimo de criminalidade e um ponto de inflamação nas políticas públicas. Pois não há discurso na economia, na educação, na moradia, na saúde, no entretenimento, no sistema criminal, nos programas de assistência, nas políticas trabalhistas – em quase nenhum dos debates nacionais que continuam a nos assombrar – em que o corpo negro não

seja o elefante na sala; o fantasma na máquina; o alvo, se não o tópico, das negociações (MORRISON, 2020, p. 107).

Assim sendo, Morrison recorre à memória de seu povo. Ela parte do sofrimento de toda a raça negra, desde a escravidão até a luta pelos seus direitos como cidadãos em meados do século XIX, para dar vida a personagens fragmentados pelos padrões e esfacelados pelos estereótipos, que sofrem com a aculturação na tentativa de construir para si uma identidade negra. Sobre esse ponto, Walter (2009, p. 96-97), destaca que:

Morrison considera o processo de lembrar o passado como o mais importante meio para o afro-americano a) reunir os pedaços estilhaçados da sua identidade fragmentada e b) assumir a responsabilidade pelos seus atos e pelas suas atitudes. A memória – a recriação estética dos mitos, lendas, figuras, lugares e acontecimentos do passado – funciona nos textos de Morrison como estratégia de resistência contra descontinuidade, fragmentação e aculturação, assim como força de alienação destrutiva que impede a recriação do eu e da pertença étnico-cultural.

A respeito do caráter estético da escrita autobiográfica e auto representativa de da autora aqui estudada, Lúcia Castello Branco diz que:

O que os teóricos do assunto assinalam com frequência refere-se à assiduidade com que as mulheres teriam se dedicado ao gênero memorialístico. Como explicação para esse fato, as teorias de base histórico – sociológica são eficazes: as mulheres costumam preferir as escritas autobiográficas por ficarem confinadas ao lar, ao interior da casa, elas teriam encontrado nesse tipo de escrita o vínculo ideal para expressão de sua vida íntima desejos e fantasias. (BRANCO, 1991, p. 30)

Dessa forma, a narrativa de Morrison busca expor principalmente as mulheres negras, excluídas, humilhadas, fragmentadas e aculturadas, e seus problemas mais profundos, mostrando como tais problemas situam-se no seu cotidiano, agindo dentro de suas decisões e das situações a que são condicionadas; evidenciando as injustiças e violências sofridas por essas mulheres dentro e fora de sua comunidade. Assim, segundo Patrícia Hill Collins:

Como grupo historicamente oprimido, as estadunidenses negras produziram um pensamento social concebido para se opor à opressão. A forma assumida por esse pensamento não apenas diverge da teoria acadêmica padrão – pode tomar a forma de poesia, música, ensaios etc. –, mas o propósito do pensamento coletivo das mulheres negras é distintamente diferente. As teorias sociais que surgem de e/ou em nome das estadunidenses negras e de outros grupos historicamente oprimidos visam encontrar maneiras de escapar da sobreviver na e/ou se opor à injustiça social e econômica prevalecente. Nos Estados Unidos, por exemplo, o pensamento social e político afro-americano analisa o racismo institucionalizado não para ajudá-lo a funcionar de

maneira mais eficiente, mas para resistir a ele (COLLINS, 2000, p. 9, *apud* AMORIM, 2021, p. 14)⁶

Nessa perspectiva, a escrita feminina afro-americana intenta reconstruir a identidade do povo negro, através da explicitação do que essas mulheres vivenciavam, do que fazia parte de suas vidas, essas escritoras escreviam sobre o dia a dia, o cotidiano do seu povo e delas mesmas, buscando exprimir de maneira clara, simples, e até mesmo imperceptível, como o preconceito, a aculturação e o branqueamento cultural estão intrínsecos às suas vidas e como isso as afeta. Assim, elas retratavam descritivamente em seus textos o lugar onde residiam, onde trabalhavam, qual era o seu papel social, e principalmente como eram as relações humanas dentro e fora das suas comunidades.

Ser mulher e negra, nos Estados Unidos, não era tarefa fácil; o simples fato de ser do sexo feminino e ter a pele negra durante séculos acarretou um significado muito maior do que simplesmente a diferença biológica entre masculino e feminino; essas mulheres foram estigmatizadas e objetificadas, elas figuravam na última escala da hierarquia social, como afirma Hentges:

É importante lembrarmos que o branco caçou e aprisionou o negro fazendo-o seu objeto, obrigando-o a servir-lhe ou vendendo-o para outros brancos, com a finalidade de lucrar com esse comércio criminoso. No entanto, a mulher negra foi colonizada e objetivada duas vezes, a ela coube a opressão colonial, praticada pelo colonizador movido pela diferença racial e a discriminação sexual. A dominação feminina pelo homem foi possível pela forte colaboração de instituições sociais como: o Estado, a Igreja, a Escola e a Família. Gênero é uma criação cultural, avalizada por estas instituições sociais, que resultou na dominação de um gênero pelo outro, com passar do tempo essa dominação se naturalizou, hoje essa divisão pautada na diferença sexual parece ser parte da ordem natural das coisas, imutável, incontestável. (HENTGES, 2016, p. 28)

Desse modo, é notável que nessa hierarquização racial a sociedade de pele branca se sobrepõe à sociedade negra, pautada na inferioridade da raça negra. Já em relação à construção de hierarquia interna da raça negra, de acordo com Luciana Mesquita (2021, p. 368), “Somando ao espectro racial a questão de gênero, as mulheres negras ficam em uma situação ainda mais

⁶ Tradução nossa “As an historically oppressed group, U.S. Black women have produced social thought designed to oppose oppression. Not only does the form assumed by this thought diverge from standard academic theory — it can take the form of poetry, music, essays, and the like — but the purpose of Black women’s collective thought is distinctly different. Social theories emerging from and/or on behalf of U.S. Black women and other historically oppressed groups aim to find ways to escape from, survive in, and/or oppose prevailing social and economic injustice. In the United States, for example, African-American social and political thought analyzes institutionalized racism, not to help it work more efficiently, but to resist it. Feminism advocates women’s emancipation and empowerment, Marxist social thought aims for a more equitable society, while queer theory opposes heterosexism” (COLLINS, 2000, p. 9).

complexa quando são levadas em conta as “normas míticas” que formam as diferentes identidades nacionais.” Portanto, essas mulheres estão condicionadas a uma inferioridade social que as relega, isso porque, “Além de habitarem um espaço singular que ultrapassa as margens das categorias de raça e gênero, as mulheres negras estão subordinadas a um sistema de imagens controladoras, criado por quem está no papel de autoridade, com o objetivo principal de mantê-las em seu lugar de “a/o Outra/o da/o Outra/o” (MESQUITA, 2021, p. 368).

Numa sociedade que demoniza o negro e o tem como reflexo de inferioridade, maldade e barbárie, a mulher negra ocupa a última posição da estrutura social; pois, visto que o homem negro, apesar de pertencer ao mesmo grupo racial historicamente estigmatizado, ocupa nessa hierarquia uma posição superior a mulher negra, obtida a partir da ideia de superioridade masculina construída pela sociedade patriarcal e machista, e considerando papel social e a posição social a que o negro está relegado, a mulher negra desempenha o pior dos papéis. Assim, ela é subordinada ao subordinado. Essa construção social agiu como um supressor, que mantinha mulheres negras apagadas da sociedade, condicionadas a situações humilhantes de silenciamento e esquecimento.

Para romper com esse sistema que coloca a mulher negra como inferior a todos os outros membros da sociedade, dar voz a essas mulheres e fazer com que fossem ouvidas foram uma das razões para o surgimento da escrita feminina afro-americana. Através dessa literatura, essas mulheres, que por séculos estiveram confinadas nas cozinhas e plantações, tiveram a oportunidade de falar com sensibilidade e propriedade sobre como é ser negra e ser mulher nos Estados Unidos, desde o colonialismo até a atualidade. Para Patrícia Hill Collins (2019), essa literatura possibilita o diálogo entre essas mulheres negras com intuito de criar para elas uma autodefinição, que fuja da definição que a sociedade associa a elas:

Para as afro-americanas, o ouvinte mais capaz de romper a invisibilidade criada pela objetificação das mulheres negras é outra mulher negra. Esse processo de confiança umas nas outras pode parecer perigoso, porque somente as mulheres negras sabem o que significa ser mulher negra. Mas se não escutarmos umas às outras, quem vai nos escutar? (COLLINS, 2019, p. 190).

Portanto, o que a literatura feminina afro-americana busca é a criação de uma consciência própria para o povo negro, uma autoafirmação que fuja dos padrões impostos pela hegemonia branca; tendo como foco principal autodefinição, a construção de identidade da mulher negra, afirmando sua beleza, sua inteligência e sua capacidade intelectual e social, com o intuito de sair da invisibilidade, do silenciamento e do apagamento para ocupar posições de

relevância na sociedade, da qual por séculos foi ignorada. Em conformidade, Collins (2019), afirma que:

Quando nós, mulheres negras, nos autodefinimos, rejeitamos claramente o pressuposto de que aqueles em posição de autoridade para interpretar nossa realidade têm o direito de fazê-lo. Independentemente do conteúdo real das autodefinições das mulheres negras, o ato de insistir em nossa autodefinição valida nosso poder como sujeitos humanos (COLLINS, 2019, p. 206).

Assim sendo, essa literatura surgiu como forma de dar voz àqueles que durante séculos foram silenciados e esquecidos; a partir do seu caráter marginal, foi possível expor os problemas enfrentados por toda a raça negra e lutar pelos seus direitos, não de maneira questionadora ou reivindicativa, mas de forma reflexiva, expositiva e sensível, essa literatura permitiu que a realidade do que é ser negro, e ser mulher nos Estados Unidos, desde a colonização até os dias atuais, fosse conhecida e compreendida, possibilitando a criação de uma consciência própria para a raça negra, e, por conseguinte, a formação de uma identidade individual e coletiva livre de estereótipos e estigmas; além de provocar grande reflexão acerca de séculos de preconceito, racismo e segregação.

4 A REPRESENTAÇÃO SOCIAL E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE EM TONI MORRISON

Como em todas as obras de Toni Morrison, em *“The bluest eye”* (1970), seu romance de estreia, a estética autobiográfica, bem como a representação, estão presentes de forma clara e marcante. O romance é ambientado em Lorain, no estado de Ohio, no sul dos Estados Unidos, local em que Morrison nasceu, e se passa nos anos 1940, momento em se deflagrou a segunda Guerra Mundial, o que causou ainda mais instabilidade a um país que ainda sentia fortemente os efeitos da Queda da Bolsa de 1929, e lentamente tentava se recuperar. Também durante esse período vigoravam nos estados do sul do país as leis Jim Crow, que segregavam toda a comunidade negra, separando-os socialmente, e limitando seus direitos.

Tendo este cenário de instabilidade como plano de fundo, *The bluest eyes* nos apresenta três meninas negras, com idades que variam entre oito e onze anos, como personagens principais; Frieda e Claudia McTeer são irmãs, e é Claudia quem conta parte da história de Pecola Breedlove, personagem em torno de quem o enredo se desenvolve. Cláudia, a mais nova das três meninas, narra os acontecimentos com a sensibilidade e inocência típicas de uma criança, expondo abusos e situações delicadas que fizeram parte da formação de suas identidades, mas sempre livres de pré-julgamentos.

A narrativa de Morrison mantém seu foco na construção social dos personagens, mostrando como se desenvolviam as relações sociais de sujeito para sujeito, e como era o desenvolvimento individual de cada um em uma sociedade dividida pelo preconceito racial, atentando principalmente para como se dava a construção da identidade pessoal de cada indivíduo; mantendo seu eixo central no desenvolvimento das personagens femininas. Como afirma Morrison (2019, p. 210), “Concentrei-me, então, em como algo tão grotesco quanto a demonização de uma raça inteira podia criar raízes dentro do membro mais delicado da sociedade: uma criança; do membro mais vulnerável: uma mulher.”

Neste viés, Stuart Hall (2005, p. 13) alega que a “identidade é definida historicamente, e não biologicamente”. Em conformidade, em *The bluest eye*, Morrison nos apresenta a personagens aculturados, desconstruídos, sem uma identidade racial bem formada e que passam por um processo de branqueamento, fruto de uma sociedade dividida pela cor da pele, onde o branco é o dominador e o negro é o dominado. E é nesta sociedade padronizada por um ideal branco racista que esses personagens tentam construir para si uma identidade; situação que causa frustrações e danos irreversíveis a eles. O que está apresentado no romance pode ser entendido pelo pensamento de Hall, quando este afirma que o sujeito moderno “[...] está se

tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (HALL, 2004, p. 12).

Ele afirma, também, que na “concepção clássica sociológica da questão, a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade” (HALL, 2005, p. 11); portanto, dado o histórico de exclusão social da raça negra e, principalmente, de exclusão das mulheres negras, percebe-se que a construção de identidade, tanto no viés racial quanto no pessoal, absorveu todo o processo de segregação, apagamento e branqueamento a que esses indivíduos foram submetidos, resultando em identidades fragmentadas e que não se definem. De acordo com Hall (2011, p. 106):

Na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal. É em cima dessa fundação que ocorre o natural fechamento que forma a base da Solidariedade e da fidelidade de um grupo em questão.

Assim sendo, esses homens e mulheres negros construíram identidades fragmentadas pelo preconceito e o desejo de pertencer àquela sociedade excludente, abdicando de sua cultura e aderindo ao branqueamento de seus costumes, tradições, de sua religiosidade e também de sua aparência. Em contrapartida, em meados dos anos 1940, época em que se passa a narrativa de Morrison, difundiu-se a luta pelos direitos das pessoas negras e pela construção de uma identidade racial própria, buscando aceitação social; situação conflituosa e de instabilidade que influenciou diretamente a construção de suas identidades.

Em *The bluest eye*, as crianças são a principal forma de representação da sociedade norte-americana, bem como das relações sociais entre negros e brancos e entre a comunidade negra, e principalmente da mulher negra norte-americana. Essa representação expõe a forma como a comunidade negra é vista e tratada pela hegemonia branca, e como ela absorve isso. Além de mostrar a visão internalizada que o negro tem de si mesmo a partir da visão construída para ele pelo seu opressor de pele branca.

Portanto, Morrison usa a autobiografia e a auto representação para criar cenários e personagens que retratassem essa sociedade fragilizada pela hierarquia racial, e a subjetividade dos indivíduos que mais sofreram com isso. Dessa forma, a obra nos apresenta a personagens que são reflexos dessa sociedade e dessa construção histórica que invalida e interfere diretamente na autodefinição dos indivíduos. No posfácio adicionado a obra em 1993, Morrison (2019, p. 209-210) afirma que:

O olho mais azul foi minha tentativa de dizer alguma coisa sobre isso[...]Implícita em seu desejo estava a aversão por si mesma, de origem racial. E vinte anos depois eu continuava me perguntando como é que se aprende isso.

Dessa forma, em *The bluest eye*, a autora nos apresenta um quadro ficcional de como é crescer e formar a própria identidade em meio a uma sociedade que carrega tão profundamente as marcas e traumas de séculos de escravidão e de racismo. Em concordância este pensamento apresentado aqui, Cíntia Schwantes (2004, p. 137) afirma que “[...]o romance narrativiza o processo de formação de um grupo de meninas negras na década de 50 do século XX e constitui uma nota dissonante e amarga no sonho americano.” Portanto, o que analisaremos a seguir é como acontece o processo de representação e desconstrução das personagens femininas, Pecola e Claudia.

4.1 A representação em *The bluest eye*

Em entrevista à revista *Time*, em 2008, Morrison fala a respeito de seu romance de estreia, *The bluest eye*, e questionada sobre suas motivações para escrevê-lo. Mais uma vez, ela afirma a necessidade de ver-se representada, não de ver especificamente a si mesma em um personagem; mas de ver pessoas negras representadas de forma legítima na literatura, e não mais a imagem distorcida e fragilizada que a sociedade branca criou para os negros:

Eu achava que a minha mais intensa paixão era a leitura. Em algum momento – não cedo, eu tinha 35 ou 36 anos – eu percebi que havia um livro que eu queria muito ler que na verdade ainda não tinha sido escrito, e então eu comecei meio que de maneira casual tentar construir o tipo de livro que eu queria ler. Esse livro, a propósito, era *Olho Mais Azul*. Era um livro sobre mim ou sobre alguém como eu. E nunca antes ninguém tinha levado uma garotinha negra a sério na literatura.⁷ (MORRISON, 2008, tradução nossa).

Intrínseca a essa declaração está o caráter representativo e autobiográfico utilizado por Morrison. Para representar o povo negro e a difícil missão de conviver e construir suas identidades em meio a uma sociedade racista, a autora recriou lugares e situações que ela conhecia de perto, e que durante anos lhe causaram inquietação e indagações para as quais ela não tinha resposta (MORRISON, 1993). Assim, fica evidente que o que a motivou a começar a

⁷ I thought my deepest passion was reading. At some point – not early, I was 35 or 36 - I realized there was a book that I wanted very much to read that really hadn't been written, and so I sort of played around with it in trying to construct the kind of book I wanted to read. That book, by the way, was *The Bluest Eye*. It was a book about me or somebody like me. And nobody had taken a little black girl seriously in literature ever before. (MORRISON, 2008).

escrever foi a vontade de ler uma obra que falasse diretamente com ela, de maneira realista, com uma visão da vida e dos problemas, especialmente ligados à construção de identidade e especialmente sobre as mulheres, enfrentados pelas pessoas negras estadunidenses no século XX. Alguns desses problemas estiveram velados durante muitos anos, e sobre os quais só se lançou luz na segunda metade do século XX, quando o movimento pelos direitos das pessoas de cor (*Civil rights movement*, 1950) e a literatura afro-americana se difundiram e expuseram as situações desumanas a que as pessoas negras estavam relegadas.

Ainda sobre a estética de sua escrita, em uma entrevista cedida a *The Paris Review*, em 1993, ano em que ganhou o Prêmio Nobel, Morrison mais uma vez foi questionada sobre o uso de representação em *The bluest eye*, e quanto à construção de seus personagens ela responde:

Eu nunca uso ninguém que eu conheça. Em *O Olho Mais Azul* eu acho que usei alguns gestos e diálogos de minha mãe em certos lugares, e um pouco da geografia. Desde então, nunca mais eu fiz isso. Eu realmente estou muito consciente disso. Minha personagem nunca é baseada em ninguém. Eu não faço o que muitos ⁸escritores fazem. (MORRISON, 1993, tradução nossa).

No entanto, no posfácio à edição de 1993, Morrison revela que a sua principal motivação para escrever a obra partiu do desejo de uma de suas amigas de infância por olhos azuis, desejo esse que a incomodou durante anos, causando inconformidade, incompreensão e ressaltando nos questionamentos: “Quem disse a ela? Quem a fez sentir que era melhor ser uma aberração do que ser o que ela era? Quem a tinha olhado e a achado tão deficiente, um peso tão pequeno na escala da beleza?” (MORRISON, 2019, p. 210). De acordo com Morrison:

Tínhamos acabado de entrar na escola primária. Ela disse que queria ter olhos azuis. Olhei-a, imaginei-a com eles e senti uma repulsa violenta pela aparência que visualizei caso o desejo fosse atendido. O pesar em sua voz parecia pedir comiseração e fingi comiseração, mas, perplexa com a profanação que ela propunha, fiquei furiosa com ela. (MORRISON, 2019, p. 209)

Partindo deste ponto, vê-se que a obra apresenta aproximação entre realidade e ficção que não podem deixar de ser notadas. Essas similaridades são inerentes à estética representativa da escrita de Morrison e revelam o desejo da autora de retratar como as pessoas negras, principalmente as mulheres, eram afetadas pelo momento histórico-social pelo qual passavam.

Apesar de não assumir nenhuma posição de militância em sua escrita, por acreditar que isso restringe sua literatura a um determinado ponto central (MORRISON, 1993), o que vê-se

⁸ I never use anyone I know. In *The Bluest Eye* I think I used some gestures and dialogue of my mother in certain places, and a little geography. I've never done that since. I really am very conscientious about that. It's never based on anyone. I don't do what many writers do. (MORRISON, 1993, p. 14).

em *The bluest eye*, é que “a autora não conseguiu se distanciar do seu primeiro trabalho. Há nele uma forte presença da subjetividade da escritora” (NACISMENTO, 2012, p. 64). A obra em si é resultado dos questionamentos que a cultura racista provocou na autora, e da aculturação que despertou em sua amiga de infância o desejo de estar dentro dos padrões impostos por essa sociedade.

A respeito do caráter representativo e autobiográfico de sua escrita, Morrison confirma que usa o próprio conhecimento sobre a história e vivência dos afro-americanos para construir suas narrativas, e que frequentemente recorre à memória de seu povo para tal:

Suspeito que minha dependência da memória enquanto ignição confiável é mais ansiosa do que é para maioria dos escritores de ficção – não porque escrevo (ou quero escrever) em termos autobiográficos, mas porque estou bastante alerta ao fato que escrevo numa sociedade inteiramente racializada que pode debilitar e que de fato debilita a imaginação. Rótulos sobre centralidade, marginalização, minorias, gestos de culturas que se apropriam ou que são apropriadas, heranças literárias, pressões para tomadas de posição – tudo isso vem à tona quando sou lida ou criticada ou quando componho (MORRISON, 2020, p. 413).

Assim, o momento histórico no qual a obra é ambientada, quando se difundiram o cinema e rígidos padrões de beleza que iam de encontro aos movimentos contra o segregacionismo e a luta pelos direitos das mulheres nos anos 1940 a 1970, ano de publicação da obra, tem papel fundamental para o entendimento do texto literário. Tal momento permite que se compreenda analogias entre situações reais e as que são representadas na narrativa, “nos possibilitando pensar na voz de Claudia na narrativa como um duplo da autora”, como afirma Karla Cristina dos Passos (2019, p. 13).

Posto isso, é possível afirmar que a personagem Claudia é a representação de uma parcela da sociedade negra que é contrária aos padrões sociais criados pela hegemonia branca, mantendo um posicionamento de aversão à cultura de branqueamento presente nos Estados Unidos, e que luta pela afirmação e valorização da cultura afro-americana, principalmente por parte das mulheres negras, tão profundamente castigadas pelo silenciamento, o apagamento e a objetificação a que estavam relegadas até tão pouco tempo.

Em conformidade, Passos (2019, p. 13) alega que “Neste sentido, é possível observar a frequente ocorrência de questionamentos por parte de Claudia relacionados à desvalorização da estética negra, à forma como seus pais demonstram cuidados com ela e a irmã e à figura da mulher negra como ‘chefe-de-família’.” Assim, Claudia torna-se o oposto de Pecola, representando resistência, militância e aversão aos modelos e padrões sociais a ela

apresentados, enquanto Pecola é profundamente afetada por eles. Isso porque, segundo Karla Cristina dos Passos:

[...]Claudia, que narra a partir de suas memórias de infância, e busca construir para si uma identidade negra positiva; procurando nas vivências e padrões de comportamento das mulheres adultas referências a serem seguidas, e questionando a todo tempo a desvalorização da identidade feminina negra e a forma como Pecola admira e almeja os padrões estéticos brancos. (PASSOS, 2019, p. 12)

Logo, sabendo que o romance foi criado e ambientado através de memórias da autora e da autobiografia característica da escrita feminina afro-americana, nota-se que os personagens desenvolvem-se de maneira a representar a sociedade da época. Assim, Toni Morrison nos apresenta a personagens femininas fortemente afetadas não apenas pela cultura racista, mas também pelo preconceito de gênero, e que não conseguiram construir identidades negras autodefinidas.

Mesmo estando inseridas na mesma realidade social, Toni Morrison constrói para as duas meninas – Pecola e Claudia – processos de formação identitárias diferentes. Pecola deseja ter os olhos mais azuis do que qualquer outros, revelando a aculturação, a absorção da cultura racista, e o processo de desconstrução de identidade pelo qual atravessa. No entanto, Claudia, que faz parte da mesma sociedade, mas que tem uma melhor definição de sua identidade negra, torna-se uma exceção na obra, uma vez que ela não absorve a cultura dominante e não é afetada pelos padrões sociais e de beleza; pelo contrário ela é a voz do posicionamento e da autoafirmação da identidade negra afro-americana em *The bluest eye*. Tal posicionamento foi defendido por Toni Morrison em suas obras e sua vida, assim como as situações apresentadas no livro são reflexos de histórias conhecidas e vividas por elas e pelas mulheres negras afro-americanas.

Neste viés, concordando que o uso da estética memorialística como meio para criar ambientes e enredos para suas narrativas, é frequentemente percebido em Morrison, como afirma Cleideni Alves do Nascimento (2012, p. 55), “a literatura não é algo desligado do mundo real”, ou seja, Morrison parte da realidade para construir narrativas que colocam o negro para falar por si e sobre si. Nascimento frisa ainda que:

Com base na teoria da voz autoral [...], busca-se, ao analisar a escrita de Morrison, mostrar que ela mesma é produto de um processo longo e contínuo de envolvimento com a leitura. Em um ambiente hostil de forte discriminação e violência contra os negros nos Estados Unidos, principalmente, na primeira metade do século passado, Morrison teve a literatura como instrumento de controle e superação dos momentos de crise. (NASCIMENTO, 2012, p. 55-56)

Enquanto mulher e negra, nascida e criada em uma sociedade segregada e marginalizada, Toni Morrison, como tantas outras mulheres negras, teve que lutar contra o preconceito racial, o preconceito de gênero e os padrões de beleza para construir sua identidade. Com o apoio e incentivo de sua família, que valorizava a leitura e a educação, a autora desenvolveu o hábito da leitura e gosto pelos estudos, o que lhe proporcionou conhecer sua cultura ancestral africana e suas origens; e também influenciou na sua autodefinição como mulher afro-americana na no século XX; posicionando-se socialmente como resistência questionadora acerca do preconceito e dos padrões sociais que marginalizaram e inferiorizaram as pessoas negras. Nas palavras de Cleideni Alves do Nascimento:

Morrison leva para a sua escrita a cultura afro-americana, com a finalidade de valorizar e dar voz àqueles que ao longo da história do seu país foram silenciados pela discriminação racial. Ela decide escrever sobre o que não encontrava nos livros que lia: a vida dos negros americanos contada a partir da perspectiva deles. (NASCIMENTO,2012, p. 56-57)

A escrita de Morrison tem o intuito não de militar contra o preconceito racial e de gênero de maneira panfletaria; mas de expor através da literatura tudo o que durante séculos manteve o povo negro às margens da sociedade, o que pode ser visto como uma forma velada de militância. A autora busca também, por meio da escrita, resgatar a história e a cultura ancestral do povo afro-americano, como forma de afastar-se da dominante cultura norte-americana, que subestimava capacidade intelectual das pessoas negras e criava padrões sociais e de beleza branca inalcançáveis para elas, situação que propiciou o surgimento da aculturação e que se tornou o tema central da narrativa de *The bluest eye*.

Levando em conta o que é posto no romance aqui analisado, Cleideni Alves do Nascimento afirma que “Ela [Claudia] é uma figura emblemática que mistura inocência e revolta diante das situações de discriminação racial, demonstrando um aguçado senso de orgulho e consciência do seu valor. Essa personagem é considerada o alter-ego da autora Toni Morrison.” (2012, p. 70-71). Pois, além de tomar por base uma situação real vivenciada por ela, Morrison delega a Claudia os questionamentos e o posicionamento que ela assumiu em sua vida e suas obras, bem como fica delegado a Pecola o papel de representar a aculturação e a absorção da cultura eurocêntrica e dos padrões sociais que despertaram na amiga de infância de Morrison o desejo pelo olho mais azul.

4.2 A representação da desconstrução identitária através de Pecola

The bluest eye nos apresenta o processo de desconstrução de identidade que afeta profundamente a personagem Pecola, causando danos à formação social da menina e, posteriormente, levando-a à loucura. De acordo com Cleideni Alves do Nascimento e Marly Catarina Soares (2010, p. 378), Morrison constrói a narrativa de *The bluest eye* com o intuito de “[...]mostrar um processo de desconstrução identitária, pois enquanto a narrativa vai sendo desenvolvida, ela age na desconstrução da identidade da personagem principal da história – Pecola.”

Pecola é resultado da aculturação que cerca toda a sociedade negra presente na obra. Todos aqueles que estavam em volta de Pecola contribuíram direta ou indiretamente para a desconstrução identitária da menina; isso porque, por vir de uma família desestruturada, onde todos os membros são profundamente afetados pelo preconceito racial e que não tem uma identidade negra autodefinida, Pecola não tem referências afetivas e nem identitárias em que se espelhar, ou seja, ela nunca construiu sua identidade; como afirma Karla Cristina dos Passos (2019, p. 12):

O núcleo principal da narrativa é formado pelas três meninas [Frieda, Claudia e Pecola]. Pecola, embora mais velha, é a mais frágil e inocente das três, vem de uma família desestruturada onde o cuidado e o afeto não estão presentes. Os efeitos desta ausência no desenvolvimento de suas habilidades de interação social e demais aspectos da vida são devastadores.

Na tentativa de construir suas identidades as meninas buscam exemplos em torno de si, na comunidade em que vivem e em seu grupo familiar; assim “A narrativa demonstra que tais identidades, dentro da comunidade negra retratada, mostram-se problemáticas: marcadas pela baixa autoestima, ausência de estrutura familiar e financeira, e ausência ou não demonstração de afeto.” (PASSOS, ano, p. 12). Esse processo de desconstrução identitária que vitimiza Pecola é o mesmo pelo qual passam todos os personagens da narrativa de *The bluest eye*, o que os diferencia de Pecola é a forma como cada um reagiu a isso somado ao meio em que cada um está inserido, e o fato de que eles dirigem a ela todo o ódio internalizado que tinham de si mesmos e de suas imagens. A narrativa é bem direta quando toca nesse ponto:

Todo o nosso lixo, que jogamos em cima dela e que ela absorveu. E toda a nossa beleza, que foi primeiro dela e que ela deu a nós. Todos nós — todos os que a conheceram — nos sentíamos tão higiênicos depois de nos limparmos nela. Éramos tão bonitos quando montávamos na sua feiura. (MORRISON, 2019, p. 205)

Dessa forma, como reflexo dessa sociedade, vê-se que a aculturação e o preconceito racial foram aprendidos e repassados dentro da comunidade negra ao longo dos séculos, e isso

é facilmente notado em *The bluest eye*. Por exemplo: Pecola Breedlove nasce em uma família onde esse ódio contra a própria cor e imagem e a admiração pelo ideal branco é fortemente repassado de pessoa para pessoa, tais fatores contribuem significativamente para a falta de afeto dentro do lar da família Breedlove. Os pais, Cholly e Pauline, são incapazes de sentir afeição pela própria imagem. Toda a frustração que eles sentem é refletida nos filhos. Diante de tanto construto imposto, o casal desviava sua atenção para coisas que os fizesse esquecer da insatisfação de suas vidas: para a mãe, Pauline, isso foi possível através do emprego de doméstica na casa de uma família branca, para o pai, Cholly, através do alcoolismo.

Tal situação foi possível através da absorção da aculturação e do preconceito racial a que foram submetidos durante toda a vida. Assim, a falta de amor e a falta de aceitação causaram danos irreversíveis a todos os membros da família Breedlove. A narrativa mostra que eles absorveram, mais do que quaisquer outros personagens da obra, o ódio racial contra si mesmos e a admiração pela cultura da América branca, como pode ser visto no trecho da obra a seguir:

Moravam ali por serem pobres e negros, e ali permaneciam porque se achavam feios. Embora sua pobreza fosse tradicional e embrutecedora, não era exclusiva. Mas sua feiura era exclusiva. Ninguém teria conseguido convencê-los de que não eram implacável e agressivamente feios. [...] A gente olhava para eles e ficava se perguntando por que eram tão feios; olhava com atenção e não conseguia encontrar a fonte. Depois percebia que ela vinha da convicção, da convicção deles. Era como se algum misterioso patrão onisciente tivesse dado a cada um deles uma capa de feiura para usar e eles a tivessem aceitado sem fazer perguntas. O patrão dissera: “Vocês são feios”. Eles tinham olhado ao redor e não viram nada para contradizer a afirmação; na verdade, viram sua confirmação em cada cartaz de rua, cada filme, cada olhar. “Sim”, disseram. “O senhor tem razão.” E tomaram a feiura nas mãos, cobriram-se com ela como se fosse um manto e saíram pelo mundo. Cada um lidando com ela do seu jeito. (MORRISON, 2019, p. 42-43)

Assim, é notável que Pecola cresce em um ambiente que não contribui para sua formação identitária nem para sua autoafirmação enquanto mulher negra. Pelo contrário, essa situação foi primordial para sua desconstrução e forte absorção dos ideais brancos, principalmente dos padrões de beleza, tão inalcançáveis a uma menina negra. Apesar de partilharem da mesma “feiura”, para Pecola essa situação tornou-se pior, a feiura desta personagem foi considerada superior à de todos da família pela própria mãe. Embora se espere que uma mãe não destaque os pontos de feiura de uma filha, Pauline Breedlove faz questão de mostrar o quanto a filha é feia: “Mas eu sabia que ela era feia. A cabeça coberta de um cabelo bonito, mas, meu Deus, como ela era feia” (MORRISON, 2019, p. 127). Para a mãe de Pecola

a cor da filha era sinônimo de feiura, e isso despertou nela o desprezo e a repulsa a que a menina foi submetida.

Além da falta de afeição da família, Pecola foi relegada também ao desprezo social. Desse modo, a “feiura” da menina, que era também a feiura de sua família, foi brutalmente transformada em repulsa social destinada a ela. O romance mostra que essa rejeição social e o preconceito destinados a Pecola foram repassados dentro da comunidade da qual a menina fazia parte de tal maneira que a até mesmo as crianças os praticavam, como é apresentado no trecho a seguir:

‘Preta retinta. Preta retinta. Seu pai dorme pelado. Preta retinta, preta retinta, seu pai dorme pelado. Preta retinta...’ [...] O fato de também eles serem negros [...] era irrelevante. Era o desprezo que sentiam pela própria negritude que fez irromper o primeiro insulto. Pareciam ter tomado toda a sua ignorância calmamente cultivada, o ódio por si mesmos primorosamente aprendido, sua desesperança elaboradamente concebida, e absorvido tudo isso num cone causticante de desprezo que ardera durante anos nos meandros de suas mentes, esfriara e agora jorrava por lábios afrontosos, consumindo tudo o que estivesse em seu caminho. Dançavam um balé macabro em torno da vítima, a quem estavam dispostos a sacrificar, pelo próprio bem deles, no fosso das chamas (MORRISON, 2019, p. 69).

Entende-se, então, que esse ódio aprendido contra a própria cor e a repulsa destinada a Pecola, eram na verdade destinados a eles mesmo; no entanto, dada a inferior situação social e pessoal de sua família, a comunidade negra que cercava a menina via-se em posição superior aos Breedlove, e não tendo a oportunidade de dirigir-lhes aquele desprezo, o faziam a Pecola, o membro mais frágil da família Breedlove, e, portanto, o mais fácil de odiar. Pecola, que não entende de onde vem esse ódio, e por não ter sua identidade afirmada, absorve e aceita esse ódio, acreditando que ele se deve unicamente a sua feiura. É o que fica evidente nessa passagem:

Enquanto ela tivesse a aparência que tinha, enquanto fosse feia, teria que ficar com aquelas pessoas. Por algum motivo ela lhes pertencia. Passava longas horas sentada diante do espelho, tentando descobrir o segredo da feiura, a feiura que a fazia ignorada ou desprezada na escola, tanto pelos professores quanto pelos colegas. Era a única pessoa da classe que sentava sozinha numa carteira dupla. ((MORRISON, 2019, p. 49)

Partindo da repulsa a ela destinada, e movida pela vontade de ser aceita e amada, Pecola desenvolve um obstinado desejo e admiração, que posteriormente se transforma em loucura, pela imagem idealizada de meninas e mulheres brancas. Em seu devaneio, Pecola acredita que se possuísse os traços finos que pertenciam as meninas brancas, que eram encontrados nas bonecas loiras e no ideal de beleza da época, ela despertaria nas pessoas a mesma ternura que

via ser despertadas por essas imagens. A respeito disso, a escritora negra norte-americana Bell Hooks diz que:

[...] para as pessoas negras, a dor de aprender que não podemos controlar nossas imagens, como nos vemos (se nossas visões não forem descolonizadas) ou como somos vistos, é tão intensa que isso nos estraçalha. Isso destrói e arrebenta as costuras de nossos esforços de construir o ser e de nos reconhecer (2019, p. 35).

Assim, vemos que Pecola foi tão afetada pela forma como era vista que não conseguia enxergar-se, o que ela via no espelho era a imagem que outras pessoas haviam criado para ela. Assim, arraigando-se a isso surgiu nela a necessidade de transformar a sua imagem com o intuito de mudar a forma como era tratada. A personagem acreditava que mudando sua imagem para uma imagem nova que era socialmente aceita e apreciada receberia a admiração e o afeto pelo qual ansiava. Em conformidade o que nos apresenta o romance de Toni Morrison, o filósofo Frantz Fanon (2008, p. 176) afirma que:

Tento ler nos olhos do outro a admiração e se, infelizmente, o outro me devolve uma imagem desagradável, desvalorizo este espelho [...]. Eu não quero sentir o choque do objeto. O contato com o objeto é conflitante. Sou Narciso e quero ler nos olhos do outro uma imagem de mim que me satisfaça.

Este processo é percebido em Pecola, o desejo de ver nos olhos das pessoas a admiração faz com que ela queira tornar-se outra coisa, algo que agrada. Essa desconstrução é categorizada principalmente pelos modelos femininos que eram admirados na época, como a imagem de Mary Jane que estampava a embalagem e dava nome ao doce, bem como a de Shirley Temple, atriz mirim muito popular nos anos 1940, e que estampava a caneca em Pecola bebia o leite enquanto esteve na casa de Claudia. É a imagem da atriz mirim Shirley Temple que faz surgir em Pecola o desejo de ter olhos azuis, uma vez que Pecola admira a imagem estampada na caneca, especialmente os olhos, e acredita que se possuísse olhos tão azuis quanto os da atriz receberia igual admiração. Um trecho da narrativa destaca esse fascínio da menina negra pelo ideal de beleza branca vendido pelo cinema:

Tinha ocorrido a Pecola, havia algum tempo, que, se os seus olhos, aqueles olhos que retinham as imagens e conheciam as cenas, fossem diferentes, ou seja, bonitos, ela seria diferente. [...] Se tivesse outra aparência, se fosse bonita, talvez Cholly fosse diferente, e a sra. Breedlove também. Talvez eles dissessem: “Ora, vejam que olhos bonitos os da Pecola. Não devemos fazer coisas ruins na frente desses olhos bonitos”. [...] Toda noite, sem falta, ela rezava para ter olhos azuis. Fazia um ano que rezava fervorosamente. (MORRISON, 2019, p. 49-50)

A falta de afeto e de imagens positivas nas quais pudesse espelhar fizeram com que Pecola admirasse e desejasse se tornar a imagem socialmente idealizada, que nada tinha a ver com ela. No entanto, isso deve-se ao fato de que ao invés de ensinada a nutrir admiração pela própria imagem, Pecola foi rejeitada por causa dela. Assim, ela aprendeu a desvalorizar a própria imagem. Seu devaneio tem início na sua desconstrução, na ânsia de tornar-se o que ela não era e jamais poderia ser, no desejo de ter olhos azuis, olhos que permitiriam que as outras pessoas vissem beleza nela, mas que a impediram de enxergar, dentro de si, a própria beleza: “Lançada dessa maneira na convicção de que só um milagre poderia socorrê-la, ela jamais conheceria a própria beleza. Veria apenas o que havia para ver: os olhos das outras pessoas.” (MORRISON, 2019, p. 50).

A este respeito, Fanon (2008, p. 104) destaca que “No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas”. Dessa forma, a desconstrução que vitimou Pecola, levando-a à insanidade, é o resultado de uma sociedade aculturada, que preserva, mesmo entre a comunidade negra, o preconceito e ódio pela própria cor, um ódio aprendido e absorvido por meio da aceitação e da admiração pelos ideais criados pela sociedade branca racista.

De acordo com Nascimento e Soares (2010, p. 384), “Cada um produziria o fruto das sementes que outros lançaram em nosso solo. Nossa identidade e subjetividade seriam resultado daquilo que recebemos ao longo das nossas vidas. Foi o que aconteceu com Pecola”. Entende-se que o ódio que provinha de séculos de segregação foi direcionado com maior força a Pecola, porque muitos viam na imagem dela a sua própria, e repudiando-a repudiavam e desprezavam a própria feiura, descarregando no ser mais frágil daquela sociedade as suas frustrações sentiam-se superiores. Fica evidente na narrativa que quando muitos destinavam a frágil criança o ódio por si mesmos, amavam-se mais; e irremediavelmente, isso culminou na extinção de uma identidade que Pecola jamais construiu.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou analisar como a escrita feminina afro-americana usa a representação e a autobiografia como meio de expor os processos de construção e desconstrução de identidades dos negros estadunidenses, e principalmente das mulheres negras. Para tal, utilizamos a obra de estreia da escritora norte-americana Toni Morrison, *The bluest eye* (1970), mantendo o nosso foco central nas personagens Pecola e Claudia.

Para analisar os processos de construção e desconstrução das identidades, tomamos por base a representação social na literatura de Toni Morrison, característica marcante da escrita feminina afro-americana. A autora usa a representação de um momento histórico conturbado para ambientar sua narrativa, e baseia o enredo de sua obra em uma memória de infância e indagações que a acompanharam por muitos anos.

A presente análise possibilitou observar como a escrita feminina afro-americana, em especial a de Toni Morrison, constrói-se através da representação, recriando cenários e situações ficcionais por meio da estética autobiográfica. Esta análise permitiu também compreender como acontecem os processos de construção e desconstrução identitárias dentro da obra. A partir disso, vimos que esses processos acontecem por meio da interação social. Assim, Pecola e Claudia, personagens analisadas em *The bluest eye*, constroem ou têm sua identidade desconstruída através do que é transmitido a cada uma pela sociedade em que estão inseridas.

A estética representativa e autobiográfica utilizada por Toni Morrison foi um fator determinante para recriação ficcional da sociedade norte-americana de meados do século XX, e fundamental para a representação realística dos dilemas que afligiam as pessoas de cor e afetavam diretamente sua construção e autodefinição identitária. A escrita feminina afro-americana foi crucial para a autodefinição das mulheres negras, uma vez que através de sua escrita essas mulheres fizeram-se ouvir e ver, e contribuíram para a construção de identidades negras autodefinidas.

A escrita representativa de Toni Morrison expõe a aculturação, a desvalorização e a alienação identitária a que as mulheres negras estiveram relegadas durante séculos de preconceito racial e de gênero; e como essas mulheres foram drasticamente afetadas por isso, o que era refletido na fragilizada construção de suas identidades.

Diante de nossos estudos, compreendemos o processo de representação da identidade feminina negra em *The bluest eye* (1970), obra de estreia da escritora norte-americana Toni Morrison, e como essas identidades femininas foram afetadas pelo contexto histórico-social da

época. No decorrer desta pesquisa, nota-se a importância de Toni Morrison e sua escrita de representação, que coloca a identidade feminina negra no centro da discussão, dando voz e visibilidade às mulheres negras, expondo séculos de silenciamento e apagamento, além de evidenciar os problemas sociais e raciais que afetam diretamente a construção de identidade dessas mulheres.

É importante salientar que as identidades individuais são construídas através de interação social, sofrendo também interferência histórica, cultural, e de gênero, portanto, a partir da leitura da mulher negra podemos entender que a escrita de representação possibilitou a discussão acerca da construção identitária dessas mulheres, discussão que foi adiada durante séculos, mas que foi evidenciada através da literatura sensível e empática de autoras afro-americanas como Toni Morrison. Essa discussão ainda tem um longo caminho a percorrer, e torna-se tão necessária hoje como era em meados do século XX.

REFERÊNCIAS

_____. **A fonte da autoestima: ensaios, discursos e reflexões.** São Paulo:

_____. **Identidade Cultural na Pós Modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu ad Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro. Editora dp&a, 2005.

_____. **Identidade e Diferença a perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis, Editora Vozes, 2005.

_____. **Pensamento feminista negro:** conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

_____. Ten questions for Toni Morrison. **Time Magazine.** Disponível em: <<http://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,1738507,00.html>>. Acesso em: 14 mar. 2022.

_____. **The Paris Review** sep. 1993. Entrevistadoras Cláudia Brodsky Lacour e AMORIM, Raphael de Andrade Lima. **A experiência e o espaço das mulheres afro-americanas nas obras Compaixão e Voltar para casa, de Toni Morrison, e as representações, ações e motivações das outras mulheres.** 2021. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

BRANCO, Lúcia Castello. **O que é escrita feminina.** São Paulo: Brasilense, 1991. (Coleção primeiros passos).

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought:** knowledge, consciousness, and the politics of empowerment. 2. ed. New York: Routledge, 2000. Companhia das letras, 2020.

DE OLIVEIRA, Priscilla Pellegrino. Feminismo e literatura no final do século XIX: escritos de autoria feminina nos Estados Unidos. **Revista CORALINA.** Cidade de Goiás, v. 3, n. 1, p. 98-114, jul./2020.

DO NASCIMENTO, Cleideni Alves; SOARES, Marly Catarina. A construção narrativa e a desconstrução da identidade em O Olho Mais Azul, de Toni Morrison. **UniLetras,** v. 32, n. 2, p. 377-394, 2010.

DU BOIS, William Edward Burghardt. **As almas da gente negra.** Tradução de Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Editora Lacerda, 1999. Elissa Schappel. Disponível em: <<https://www.theparisreview.org/interviews/1888/the-art-of-fiction-no-134-toni-morrison>>. Acesso em: 14 mar. 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução de Renato da Silveira.

GOMES, Heloisa Toller. A literatura afro-americana: seus dilemas, suas realizações. **Revista Brasil de Literatura,** 2011, p. 35.

HALL, Stuart. **Da Diáspora:** Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UMG, 2003.

HENTGES, Angela Maria Weichsung. **Vocês são feias, pretas e feias!:** análise de O olho mais azul, de Toni Morrison. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

HOOKS, bell. **Olhares negros:** raça e representação. Tradução de Stephanie Borges.

LORDE, Audre. **Irmã outsider:** ensaios e conferências. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

MESQUITA, Luciana. Heads of the colored people, de Nafissa Thompsonspires: subjetividades femininas negras em diálogo. **Ilha do Desterro**, v. 74, p. 363-383, 2021.

MORRISON, Toni. **O olho mais azul.** Tradução Manoel Paulo Ferreira; com posfácio da autora. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NASCIMENTO, Cleideni Alves do. **Toni Morrison e Carolina Maria de Jesus:** dois timbres marcantes da voz autoral feminina. 2012. Dissertação de Pós-Graduação. Universidade Estadual de Ponta Grossa.

PASSOS, Karla Cristina dos. **O triste olhar em frente ao espelho:** uma análise sobre a mulher e a afetividade negra em The Bluest Eye de Toni Morrison. 2019. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos. Salvador: EDUFBA, 2008.

SANTOS, Eloína Prati dos. As minorias na literatura norte-americana. **Textura: revista de letras e história.** Canoas, RS. N. 4 (2001), p. 3-12, 2001. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade 2- A pesquisa científica. In: Métodos de pesquisa. Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira (org.). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

VIEIRA, Wellington Neves. A condição social da mulher negra norte-americana em Beloved5. **Revista Rios Eletrônica - Revista Científica da Fasete**, ano 2, n. 2, dezembro de 2008, p. 82-90. Disponível em: <<http://gestauniversitaria.com/edicoes/196-211/21786-perfil-da-mulher-negra-norte-americana-em-beloved.html>>. Acesso em: 14 mar. 2022.

WALTER, Roland. **Afro-América:** diálogos literários na diáspora negra nas Américas. Recife: Bagaço, 2009.

WEDDERBURN, Carlos Moore. **O racismo através da história:** Da antiguidade à modernidade. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres.** São Paulo: L&PM Pocket, 2012.